Fatores associados ao comportamento sexual de risco em estudantes universitários: um estudo transversal

Emídio, Paulo Dalgalarrondo, Amilton dos Santos Júnior

# INTRODUÇÃO

Comportamento sexual de risco, cuja definição varia na literatura (GRÄF; MARILIA ARNDT MESENBURG; FASSA, 2020), pode ser entendido como ausência de uso de preservativo nas relações sexuais, ter mais de um(a) parceiro(a) sexual(YUSI LIU et al., 2022), é um dos principais fatores que influenciam a incidência de desfechos negativos a saúde como as infecções sexualmente transmissíveis, como HPV e HIV/AIDS(SAWYER; SMITH; BENOTSCH, 2018), considerado como uma das principais causas das cargas de doenças no mundo(MIRZAEI et al., 2016) e tem alta prevalência em estudantes universitários brasileiros por causa do estilo de vida que levam(NETTO et al., 2013).

Há diferentes formas de se adotar um comportamento sexual de risco, que passam pelo aspecto ambiental, pela escolha dos próprios indivíduos e principalmente pelo hábito de não utilizar preservativos (MARCANTONIO et al., 2016). Em estudantes universitários, apesar do conhecimento que pressupõe que tenham, o comportamento sexual de risco é influenciado por várias situações ambientais relacionadas ao estilo de vida durante essa fase, que incluem risco de uso de álcool e drogas(MARIA SANTAGUIDA et al., 2022),e as mudanças que ocorrem quando ingressam na vida acadêmica.

A relação entre uso de álcool e CSR já estudada e bem esclarecida na literatura, explicada pelos comportamentos que as pessoas apresentam após uso indiscriminado de álcool(COOPER, 2002) e teorias falam sobre miopia relacionada ao álcool que leva a uma intoxicação que os faz direcionar a atenção para os aspectos mais salientes da vida, induzindo ao comportamento sexual de risco(MARIA SANTAGUIDA et al., 2022). Esse é um importante desafio à saúde pública no que diz respeito a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, que se dá por políticas de enfrentamento ao CSR que devem incluir educação e saúde e outras ações que incentivem a não adoção desse comportamento ao estilo de vida.

Entretanto, para maior efetividade das políticas públicas é necessário conhecer que são esses universitários, onde vivem e o que pensam e sofrem em relação ao comportamento sexual de risco, sendo essa uma lacuna que precisa ser preenchida. Para isso, o objetivo do presente estudo é descrever a taxa de comportamento sexual de risco e descrever o perfil dessa população, em uma amostra representativa de universitários da Universidade de Campinas.

# Método

Esse é um estudo descritivo com dados extraídos de um estudo transversal realizado na universidade de Campinas, Sudeste do Brasil, sob aprovação do comitê de ética número 1.903.287 (CAAE 62765316.6.0000.5404).

Foram triados todos os estudantes matriculados em cursos de graduação na referida universidade, cuja participação se deu pela resposta a questionários validados que mensuravam a forma como esses estudantes viviam e os fatores que levavam ao processo saúde doença.

A amostra foi selecionada por meio do contato com os coordenadores de curso, sendo excluídos os alunos do primeiro ano e do último.

Após ampla busca na literatura foi possível entender que há várias definições sobre CSR são encontrados na literatura. Graf em 2020 classificou o CRS pela presença de vários parceiros sexuais combinado com a não utilização de preservativos (GRÄF; MARILIA ARNDT MESENBURG; FASSA, 2020), enquanto Sales et al(SALES et al., 2016) considerou como a presença de pelo menos duas das características de risco entre não utilizar preservativos, ter mais que 10 parceiros sexuais, prática de sexo sob influência de álcool e drogas, e sexo com parceiros conhecidos a pouco tempo.

O comportamento sexual de risco poder ser classificado por diversos métodos (MIRZAEI et al., 2016), no presente estudo foi definido pelo relato subjetivo de relação sexual com parceiro novo, recente ou desconhecido após ficar embriagado(a) sem utilizar preservativo e/ou pelo relato de não utilizar preservativos com parceiros novos.

O nível socioeconômico foi avaliado pelo instrumento proposto pela associação brasileira de empresas de pesquisa (ABEP) na versão 15.0, e os estudantes foram classificados de acordo com o nível socioeconômico em classes A, B e C, D e E.

A coleta dos dados foi tabulada no software Microsoft Excel com revisão por três pesquisadores previamente treinados para identificação de outliers e dados considerados como errados a partir dos valores de normalidade.

A análise dos dados foi realizada por meio do software Stata versão 11.0. Dados quantitativos foram categorizados para o melhor entendimento da distribuição das variáveis.

# Resultados

Dados de 6906 estudantes universitários foram triados para o presente estudo, dos quais a mediana das respostas válidas (99,6%, n=6875) foi de 21 anos, com percentis 25 e 75% de 19 e 23 anos, respectivamente (variando entre 15 e 66 anos). Maior parte da amostra era do gênero masculino (51,9%, n=3569), heterossexual (75,6%, n=5221), solteiro (95,2%, n=6576), de classe econômica B (49,9%, n=3449) e estudantes de exatas e tecnológicas (33,5%, n=2316) (tabela 1). Outros dados sociodemográficos obtidos das respostas válidas podem ser encontrados na tabela 1.

**Tabela 1.** Caracterização da amostra estudada.

|  |  |
| --- | --- |
| Variáveis | n (%) |
| Gênero |  |
| Feminino | 3309 (47,9%) |
| Masculino | 3569 (51,7%) |
| Orientação sexual |  |
| Heterossexual | 5221 (75,6%) |
| Todas as outras orientações sexuais | 1390 (20,1%) |
| Estado civil |  |
| Não solteiro | 307 (4,4%) |
| Solteiro | 6576 (95,2%) |
| Nível socioeconômico |  |
| A | 2493 (36,1%) |
| B | 3449 (49,9%) |
| C, D e E | 945 (13,7%) |
| Pratica atividade física |  |
| Não | 2527 (36,6%) |
| Sim | 4208 (60,9%) |
| Faixa etária |  |
| Até 20 anos | 2175 (31,5%) |
| 20+ anos | 4731 (68,5%) |
| Área da graduação |  |
| Artes e Humanidades | 1922 (27,8%) |
| Ciências Básicas | 769 (11,1%) |
| Ciências da Saúde | 1592 (23,1%) |
| Exatas e Tecnológicas | 2316 (33,5%) |
| Profissionalizante | 307 ( 4,4%) |

Mais de 77% dos estudantes realizam suas atividades no campus de Campinas (77,8%, n=5375), e no geral, a maioria mora com outras pessoas que não são os pais (51,7%, n=3571) e não possui carro (72,2%, n=4983). De todos os estudantes, 31,0% (n=2139) relatou trabalhar, 25,9% (n=1790) é bolsista, 74,5% (n=5143) e tem apoio na faculdade. Aproximadamente 27% dos estudantes relataram se relacionar mais na internet do que presencial (27,3%, n=1883), e 93,9% relatou preferir relacionamentos presenciais (n=6486) (tabela 2).

**Tabela 2.**  Características de como vivem os estudantes avaliados no presente estudo.

|  |  |
| --- | --- |
| Variáveis | **n (%)** |
| Campus de Campinas |  |
| Sim | 5375 (77,8%) |
| Não | 1530 (22,2%) |
| Moradia compartilhada |  |
| Outras pessoas | 3571 (51,7%) |
| Pais | 2385 (34,5%) |
| Só | 926 (13,4%) |
| Possui carro |  |
| Não | 4983 (72,2%) |
| Sim | 1901 (27,5%) |
| Trabalha |  |
| Não | 4737 (68,6%) |
| Sim | 2139 (31,0%) |
| Bolsista |  |
| Não | 5065 (73,3%) |
| Sim | 1790 (25,9%) |
| Tem apoio na faculdade |  |
| Não | 1740 (25,2%) |
| Sim | 5143 (74,5%) |
| Relaciona mais na internet que presencial | |
| Não | 4888 (70,8%) |
| Sim | 1883 (27,3%) |
| Tipo de relacionamento preferido | |
| Internet | 243 (3,5%) |
| Presenciais | 6,486 (93,9%) |

Para classificação do comportamento sexual de risco foram consideradas as respostas as variáveis “Uso de preservativo com parceira(o) nova(o), recente ou desconhecida(o) após embriagada(o)” (32% de respostas válidas, n=2220) e “Uso de preservativo em relações sexuais com parceiro(a) novo(a) (primeiros contatos)” (69,0% de respostas válidas, n=4767), sendo a presença de relação sexual sem uso de preservativo considerado com comportamento sexual de risco (70,7% de respostas válidas, n=4886).

Considerando as respostas válidas, 11,5% (n=797) dos estudantes revelou usar preservativo com parceira(o) nova(o), recente ou desconhecida(o) após embriagada(o), 13,9% (n=962) revelou não utilizar sempre preservativo relações sexuais com parceiro(a) novo(a) (primeiros contatos) – sendo que 3,5% (n=243) relatou nunca usar e 10,4% (n=719 ) só utilizar às vezes – e 32,5% (n=2244) foram classificados como tendo comportamento sexual de risco (tabela 3).

**Tabela 3.** Prevalência de comportamento sexual de risco em estudantes universitários.

|  |  |
| --- | --- |
| **Variáveis** | **n (%)** |
| Uso de preservativo com parceira(o) nova(o), recente ou  desconhecida(o) após embriagada(o) | |
| Não | 1,423 (20,6%) |
| Sim | 797 (11,5%) |
| Uso de preservativo em relações sexuais com parceiro(a)  novo(a) (primeiros contatos) | |
| Nunca | 243 (3,5%) |
| Sempre | 3,805 (55,1%) |
| Às vezes | 719 (10,4%) |
| Comportamento sexual de risco |  |
| Não | 2642 (38,3%) |
| Sim | 2244 (32,5%) |

Dos 2244 estudantes que apresentaram comportamento sexual de risco, o perfil encontrado é de indivíduos do gênero masculino (53,6%, n=1203), heterossexuais (70,9%, n=1591), solteiros (93,8%, n=2105), de nível socioeconômico B (48,0%, n=1078), praticantes de atividade física (65,8%, n=1477), com faixa etária acima de 20 anos (76,1%, n=1707) e estudantes de Artes e Humanidades (34,8%, n=780) (tabela 4).

**Tabela 4.** Perfil dos estudantes universitários que tem comportamento sexual de risco.

|  |  |
| --- | --- |
| Variáveis | n (%) |
| Gênero |  |
| Feminino | 1,038 (46,3%) |
| Masculino | 1,203 (53,6%) |
| Orientação sexual |  |
| Heterossexual | 1,591 (70,9%) |
| Todas as outras orientações sexuais | 632 (28,2%) |
| Estado civil |  |
| Não solteiro | 134 ( 6,0%) |
| Solteiro | 2,105 (93,8%) |
| Nível socioeconômico |  |
| A | 859 (38,3%) |
| B | 1,078 (48,0%) |
| C, D e E | 304 (13,5%) |
| Pratica atividade física |  |
| Não | 722 (32,2%) |
| Sim | 1,477 (65,8%) |
| Faixa etária |  |
| Até 20 anos | 537 (23,9%) |
| 20+ anos | 1,707 (76,1%) |
| Área da graduação |  |
| Artes e Humanidades | 780 (34,8%) |
| Ciências Básicas | 205 ( 9,1%) |
| Ciências da Saúde | 451 (20,1%) |
| Exatas e Tecnológicas | 738 (32,9%) |
| Profissionalizante | 70 ( 3,1%) |

Ainda, são estudantes do campus de Campinas (74,9%, n=1681), moram com outras pessoas (59,1%, n=1327), não possuem carro (66,9 %, n=1501), trabalho (62,0 %, n= 1392), bolsa (75,1%, n=1685) mas relatam ter apoio na faculdade (78,4 %, n= 1760), sendo que não se relacionam mais na internet que presencial (71,9 %, n=1614) e preferem relacionar-se de forma presencial ( 95,5%, n=2143) (tabela 5).

**Tabela 5.**  Características de como vivem os estudantes universitários que apresentam comportamento sexual de risco.

|  |  |
| --- | --- |
| Variáveis | n (%) |
| Campus de Campias |  |
| Sim | 1,681 (74,9%) |
| Não | 562 (25,0%) |
| Moradia compartilhada |  |
| Outras pessoas | 1,327 (59,1%) |
| Pais | 637 (28,4%) |
| Só | 277 (12,3%) |
| Possui carro |  |
| Não | 1,501 (66,9%) |
| Sim | 741 (33,0%) |
| Trabalha |  |
| Não | 1,392 (62,0%) |
| Sim | 845 (37,7%) |
| Bolsista |  |
| Não | 1,685 (75,1%) |
| Sim | 550 (24,5%) |
| Tem apoio na faculdade |  |
| Não | 480 (21,4%) |
| Sim | 1,760 (78,4%) |
| Relaciona mais na internet que presencial |  |
| Não | 1,614 (71,9%) |
| Sim | 612 (27,3%) |
| Tipo de relacionamento preferido |  |
| Internet | 68 ( 3,0%) |
| Presenciais | 2,143 (95,5%) |

# Discussão

A prevalência de CRS encontrada no presente estudo foi de 32%, sendo o perfil do estudante que apresenta esse comportamento caracterizado por ser do gênero masculino, heterossexual, solteiro, de moderado nível socioeconômico, praticante de atividade física, acima de 20 anos de idade e da área de Artes e Humanidades. Ainda, é possível incluir nesse perfil que são estudantes que tem moradia compartilhada com outras pessoas que não são os pais, não possuem carro e nem trabalham e nem são bolsistas, mas que apresentam apoio institucional na faculdade, com relacionamento e preferência de relacionamentos presenciais.

O comportamento sexual de risco pode ser entendido como qualquer ação que leve a uma relação sexual que aumente o risco de infecções sexuais ou gravidez não intencional(KANN et al., 2018) pela ausência de uso de preservativo, principalmente em relações sexuais com parceiros desconhecidos, e entre universitários(YUSI LIU et al., 2022) fato que varia entre culturas, faixas etárias e sexo(CHAWLA; SARKAR, 2019).

De forma mais completa, o comportamento sexual de alto risco (*High-risk Sexual Behavior*), definido como atividades sexuais que elevam o risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis (DST), envolve relações sexuais desprotegidas e múltiplos parceiros(DANIELLE R. EAKINS et al., 2022), assim como práticas de sexo oral ou anal sem uso de preservativos(CHAWLA; SARKAR, 2019), e sob influência de álcool ou outros tipos de drogas(SALES et al., 2016), bem como pelo sexo forçado(KANN et al., 2018).

No Brasil, as políticas públicas têm buscado enfrentar esse desafio por meio da distribuição gratuita de preservativos masculinos e femininos nos postos de saúde e em eventos públicos. O objetivo dessas campanhas é promover a prática de sexo seguro, e consequentemente, combater o CSR e seus desfechos sobre a saúde da população.

Em Fortaleza, Ceará, nordeste do Brasil, aproximadamente 44% de homens que fazem sexo com homem relataram CRS no ano anterior a realização do estudo, principalmente por falta de conhecimento sobre AIDS, número de parceiros sexuais e sexo desprotegido.

Graf (GRÄF; MARILIA ARNDT MESENBURG; FASSA, 2020) descreve sobre universitários brasileiros do Sul do país relata que apesar de serem uma população que se espera que sejam informadas há uma importante prevalência de CSR, cuja necessidade de educação sexual e ações para melhorar o conhecimento dessa população sobre o tema.

Entretanto, esse é um desafio global. Em estudantes universitários da Nigéria, fatores como ignorância, ausência de educação sexual, e determinantes socioeconômicos como a pobreza são fatores de risco para CSR e levam a desfechos negativos em saúde como aborto, doenças sexualmente transmitidas e evasão escolar(EUNICE OGONNA OSUALA et al., 2021).

Na Inglaterra, os fatores que influenciam o CRS são estilo de vida, fatores estruturais e individuais, consumo de álcool, aumento de oportunidades de sexo, bem como barreiras no acesso aos serviços de saúde sexual e ações preventivas(CHANAKIRA et al., 2014).

Há necessidade de estratégias de prevenção desses comportamento de risco em adultos jovens brasileiros que usam drogas por apresentarem maior risco de HPV e outras coinfecções sexualmente transmissíveis(KOPS et al., 2019).

***Pelo elicit***

Sanchez 2013 em uma amostra de mais de 17 mil estudantes no Brasil inteiro encontrou maior prevalência de csr em mulheres, relacionada a menor perfil socioeconômico, ressaltando que as escolas precisam incluir discussões sobre comportamentos de risco relacionados a uso de drogas e a sexualidade.